

PSICOPEDAGOGIA EDUCACIONAL, AFETIVIDADE E FAMÍLIA.

Kaild Ehsterfany Gomes de Sousa¹

Miguel Rufino de Souza Neto²

INTRODUÇÃO

Os estudos da Psicopedagogia estão voltados ao processo de aprendizagens que possam envolver crianças, adolescentes, adultos jovens e idosos. Desta forma, investigando compreender as dificuldades ou transtornos que venha dificultar a assimilação do conteúdo ministrado, buscando sua fundamentação nos conhecimentos da ciência da psicologia, pedagogia e antropologia.

Este resumo expandido é constituído por uma abordagem teórica e prática, tendo como objeto de estudo a relação entre a psicopedagogia, a afetividade e a família no contexto do processo de inclusão no ambiente escolar. Tem como objetivo analisar a importância da atuação psicopedagógica associada aos vínculos afetivos e à participação familiar como elementos fundamentais para a promoção da inclusão e do desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes no contexto escolar. Dentro do contexto educacional a psicopedagogia surge como uma orientação e parceria a toda comunidade escolar, buscando compreender o aluno e seu contexto social, a fim de ajudá-lo em seu desenvolvimento de ensino e aprendizagem. Bem como buscando orientar o corpo docente da instituição e aos pais quando necessário, assim construindo pontes significativas para os discentes.

A metodologia adotada compreende a realização de consultas bibliográficas e pesquisas documentais, aliadas a uma abordagem qualitativa, concretizada por meio de uma reflexão sobre a necessidade de interligação entre esses agentes de promoção a inclusão. Para a construção deste estudo, foram selecionadas obras, artigos científicos, legislações e documentos oficiais relacionados à psicopedagogia, à afetividade, à participação da família e à educação inclusiva. A análise do material ocorreu por meio de leitura, interpretação e sistematização dos conteúdos, buscando identificar contribuições teóricas que evidenciem a relevância da atuação integrada entre escola, família e psicopedagogia no processo de inclusão escolar. Organizando assim o presente à apresentação da psicopedagogia como ciência e a sua função, seguindo pela importância da afetividade e da participação da família no processo de inclusão.

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. 8º Período do curso de Pedagogia. E-mail: kaildehsterfany@alu.uern.br

² Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: miguel20251000145@alu.uern.br

Por fim, trataremos das considerações finais, avaliando o desenvolvimento da psicopedagogia como ferramenta de oferta de inclusão e desenvolvimento aos alunos matriculados nas escolas regulares de ensino.

PSICOPEDAGOGIA, AFETIVIDADE E FAMÍLIA

A psicopedagogia surgiu na Europa em meados do século XIX, e mais precisamente chegou ao território brasileiro ainda na década de 70, atuando em dois campos distintos: na educação (institucional: com o objetivo de prevenção dos problemas/dificuldades de aprendizagem) e na saúde (clínico: neste caso, o profissional atua de forma terapêutica), visto que neste período as deficiências eram vistas como as únicas causadoras das dificuldades da aprendizagem e consequentemente o fracasso escolar.

Ainda a respeito da área da psicopedagogia, é a junção de duas ciências: a psicologia e a pedagogia, que utiliza a aprendizagem humana como principal objeto de estudo, com o intuito de aprimorar o desempenho dos aprendentes no processo de aquisição do conhecimento e da aprendizagem, examinando suas potencialidades, mas também as dificuldades encontradas no decorrer do trajeto, usando-as para desenvolver estratégias para a resolução destes e tornar a vida escolar e as atividades de vida diárias mais significativas e autônomas, através de uma avaliação feita pelo profissional da psicopedagogia. Sobre isto, Escott (2004) faz a seguinte análise: “a avaliação psicopedagógica visa encontrar a causa da não aprendizagem, colhendo informações referentes ao desenvolvimento do indivíduo, de suas relações familiares e nos grupos sociais em que o mesmo participa” (p. 07).

Neste contexto, a família e a escola acabam por se tornar os principais espaços de desenvolvimento humano nas sociedades contemporâneas, sendo a família, o primeiro meio/grupo social que a criança terá contato, e este influenciará em seu desenvolvimento físico, psíquico, social, afetivo e cultural. Ambos os espaços anteriormente mencionados darão oportunidades de experiências e ampliação cognitiva do sujeito. Porém em distintos aspectos e responsabilidades, visto que cabe a escola propiciar aos seus aprendentes (alunos/crianças) o desenvolvimento acadêmico (realização de pesquisas, leituras, alfabetização matemática e etc.), enquanto a família irá ofertar os ensinamentos relacionados ao aprender a viver, ser e estar que estão inteiramente relacionados às atividades de vida diária. Sobre isto, Szymanski (2007) conclui que: “A escola tem [...] a obrigação de ensinar conteúdo específicos da área do saber [...]. A família tem de dar acolhimento a seus filhos: um ambiente estável, provedor e amoroso e as bases dos valores socialmente constituídos. (p.34).

Neste sentido o trabalho do psicopedagogo acaba por realizar intervenções dentro do espaço educacional, assim como dentro do seio familiar, e ambos devem estar em comum acordo e concordância na fidelização das orientações feitas (família e escola).

Compete ao psicopedagogo a responsabilidade de orientar e desenvolver estratégias eficazes que previnam eventuais prejuízos ao processo de aprendizagem, dessa forma, fortalecendo o vínculo afetivo entre o educando e o profissional. A respeito disto, Carvalho (1992) acrescenta: “o ensino absorvido de maneira lúdica, passa a adquirir um aspecto significativo e afetivo no curso do desenvolvimento da inteligência da criança” (p.26).

A afetividade é fundamental para o desenvolvimento e muito contribui para aprendizagem dos discentes, pois através desta, há um fortalecimento na autoestima e, conseqüentemente nas suas capacidades intelectuais, devendo ocorrer de forma efetiva e marcante em sala de aula, dando a oportunidade de aprendizagem a todos os alunos, respeitando as limitações e valorizando seus conhecimentos prévios, e não os subestimar por suas dificuldades, mas estabelecer laços afetivos. A respeito disso, Freire (1996) destaca o envolvimento afetivo entre aprendente e docente dentro da sala de aula, e afirma que: “O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento” (p. 96).

Vale frisar ainda, que da mesma maneira que a afetividade poderá influenciar positivamente na formação dos indivíduos, a ausência deste item (afeto) poderá acarretar sérios problemas na construção do caráter e ainda em termos sociais e de aprendizagens das crianças, como distúrbios, síndromes e dificuldades de relacionar-se com seus pares, visto que a afetividade é algo que está diretamente relacionada com a comunicação e a relação de troca entre os seres, por isso a importância de manter esta dinâmica psicoemocional constante na rotina das crianças, com o intuito de contribuir em seu caráter, inteligência, atitudes e personalidade de modo relacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se, portanto, que ser psicopedagogo vai além dos limites físicos da instituição escolar, exigindo a superação dessas barreiras para alcançar a compreensão de que as necessidades não pertencem apenas ao aluno, mas envolvem todos os que fazem parte de seu cotidiano. Viabilizando assim principalmente ao corpo docente a busca de novas perspectivas que dinamizem o processo de ensino-aprendizagem, avaliações necessárias para que o professor não avalie apenas os educandos, mas também se avalie em busca de novos olhares e adequações necessárias à sua prática.

Dessa forma o psicopedagogo, como mediador desse processo, subsidia o professor com alternativas de intervenção que facilitem o processo de ensino-aprendizagem e tem o objetivo de desmitificá-lo, tornando esse momento de avaliação prazeroso para o aprendente e para o docente avaliador.

Diante deste contexto, a escola traria autonomia ao aluno, tornando-se um ambiente de construção de conhecimento e não um depósito de conteúdos. Visto que, cada ser humano é único e complexo e traz consigo uma série de problemáticas, entre eles os problemas/transtornos relacionados à aprendizagem, onde o psicopedagogo deve atuar de forma preventiva, e de assessoramento no contexto educacional. Ao chegar numa instituição escolar, muitos acreditam que o psicopedagogo vai solucionar todos os problemas existentes (dificuldade de aprendizagem, evasão, indisciplina, desestímulo docente, entre outros). No entanto, o psicopedagogo não vem com as respostas prontas. O que vai acontecer será um trabalho de equipe, em parceria com todos que fazem a escola (gestores, equipe técnica, professores, alunos, pessoal de apoio, família). O psicopedagogo entra na escola para ver o "todo" da instituição e a partir disto, este profissional cria estratégias, levanta hipóteses e planeja ações que venham respaldar as situações vivenciadas e ainda prevenir “problemas” futuros, evitando assim que saíamos do trabalho institucional para a esfera clínica.

REFERÊNCIAS

- BASSEDAS, E. et al. **Intervenção educativa e diagnóstico psicopedagógico**. Porto Alegre, 1996
- BOSSA, N. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre, 2006.
- CARVALHO, A.M.C.et al (Org). **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo, 1992.
- ESCOTT, C. M. **Interfaces entre a psicopedagogia clínica e institucional: um olhar e uma escuta na ação preventiva das dificuldades de aprendizagem**. Novo Hamburgo, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia; Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo, 1996.
- SARNOSKI, Eliamara Aparecida. **Afetividade no processo ensino aprendizagem**. Erebangó – RS, 2014
- SZYMANSKI, H. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília, 2010.